

# Considerações preliminares sobre a arqueologia do sul-catarinense: Relatório

1. Para melhor estruturar o estudo da arqueologia do Estado de Santa Catarina, iniciado, sistematicamente, dentro do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (1965/1970), complementou-se em 1971, com auxílio financeiro<sup>1</sup> da *Wenner Gren Foundation for Anthropological Research*, USA, o estudo da região sul-catarinense, como se pode observar no mapa anexo.

## 2. AMBIENTE GEOGRÁFICO

A área objeto desta pesquisa é o litoral catarinense, região sul. As pesquisas ora efetuadas cobriram somente cerca de 917 km<sup>2</sup>, devido às carências de ordem financeira e de disponibilidade de tempo.

2.1. O aludido litoral, analisado geomorfologicamente, é composto de planícies quaternárias com alguns embasamentos granítico-gnáissicos, formando uma paisagem de abundantes lagoas e áreas de dunas e restingas.

2.1.1. As restingas, “faixas litorâneas paralelas à praia e que aumentam pela formação de restingas sucessivas, se bem que existam planícies marinhas, formadas por restingas de areias grossas, separadas por bolsões cheios de sedimento arenoso-vasoso”<sup>2</sup>, são as características da região.

Ora, este litoral não muda de forma, mas está sujeito às transferências litorâneas de areia, dependendo do regime de ventos, e se acha, pois, “submetido aos ventos do sul, alternando, regularmente, com os ventos do nordeste”<sup>3</sup>.

Tal fato é importante, porquanto, periodicamente, são recobertos e descobertos sítios cerâmicos e outros sítios arqueológicos. Também, devido a estes ventos, tem-se uma paisagem de dunas, cuja movimentação é bastante acentuada, formando toda esta trama a área geomorfológica em estudo: a planície de restingas, a evolução das dunas, a ação de colmatagem provocada pelos rios e a evolução ou junção dos vários fenômenos geomorfológicos aos quais se aliou o homem na estruturação de um amplo potencial arqueológico.

2.1.2. Nesta área situa-se um clima hipotermaxérico “com temperatura do mês mais frio entre 15<sup>o</sup> e 20<sup>o</sup> C”, e a “ele corresponde (nas encostas) a floresta latifoliada de caráter higrofilo, de composição florística diferente da Hiléia, porém da qual se aproxima quanto à fisionomia, sendo rica em epífitas e musgos, etc.”<sup>4</sup>.

Entretanto, a área de dunas e restingas corresponde uma vegetação arbustiva rala e rasteira. O homem pré-histórico, porém, não ficou alheio à floresta latifoliada, nela buscando madeiras, frutos, folhas, enfim, o necessário às várias atividades culturais naquele ambiente amplo e rico do litoral sul-catarinense, como se verá, a seguir, face aos trabalhos arqueológicos.

## 3. A ÁREA ARQUEOLÓGICA DO SUL-CATARINENSE

Área arqueológica de grande potencialidade, não apresenta, entretanto, muitos estudos sistemáticos acerca do seu contexto cultural.

Assim, poderiam ser alinhados alguns trabalhos — desde a informação de Rodrigues da Costa (1911/1912) ao trabalho de referência de Abreu (1928) —, bem como as escavações de Castro Faria (1955 *a e b*, 1959), de Hurt (1968) e de Rohr (1969), afora outros de menor monta.

Como resultado da nossa primeira abordagem da região, foram registrados 55 sambaquis<sup>5</sup> e, agora, com uma nova perspectiva, acrescentam-se novos dados ao estudo de tão importante área.

#### 4. RESUMO DA SEQUÊNCIA ARQUEOLÓGICA

Como resultante do trabalho de campo, estudaram-se 27 sítios arqueológicos, todos abertos, sendo 7 sambaquis e 20 sítios cerâmicos.

Os sítios cerâmicos são sítios-habitacões, e, em alguns deles, há evidências de enterramento em urnas.

Para estudo do material cerâmico, usaram-se as normas propostas por Ford<sup>6</sup>, juntamente com as do Seminário de Ensino e Pesquisa em Sítios Cerâmicos<sup>7</sup>. Desse estudo resultou a fixação das fases que se seguem:

##### 4.1. FASE GAROPABA

Esta fase pré-cerâmica está representada, na área em estudo, por 7 sambaquis, dos 55 reconhecidos anteriormente<sup>8</sup>, diante de fatores seletivos os mais diversos, notadamente a sua grandiosidade.

O conhecimento total da área, no tocante aos seus vultosos sambaquis, levou-nos a escolher dois de tamanho maior — entre 25 e 30m de altura, três médios — entre 10 e 20m de altura e menor área, e dois pequenos — de altura inferior a 10m, mas todos de fauna malacológica, predominantemente de *Anomalocardia brasiliiana* (*berbigão*, nome popular usado no litoral catarinense).

Nesses sítios arqueológicos, procedeu-se a cortes estratigráficos, em áreas não perturbadas, e analisou-se o seu contexto cultural. O seu material arqueológico é constituído de enterramentos, artefatos líticos da mais variada espécie, quer tendo como base rochas graníticas ou diabásicas, quer tendo sido confeccionados com ossos de peixes, de aves ou de mamíferos.

Anote-se que, para um dos sambaquis, com fauna predominantemente de *Anomalocardia*, Hurt (comunicação pessoal) obteve datações pelo método C-14, variáveis de  $250 \pm 500$  a.C. (A 833:1),  $460 \pm 110$  a.C. (A 844), em 1,4m de profundidade, até  $1420 \pm 110$  a.C. (A 919), com uma profundidade de 5,0m.

Para sambaquis de estrutura malacológica semelhante, obtivemos 8 amostras de carvão para datação pelo método C-14, em dois cortes, sendo o primeiro de 1,0 a 10,0 metros e o segundo de 0,40 a 3,15 metros, estando estas amostras em processamento no Laboratório de Radiocarbono da *Smithsonian Institution*, Washington, D.C., USA.

Esta fase — se aceita a fundamentação malacológica relacionada com a evolução cultural dos sambaquis — correlaciona-se com a fase Acaraí, identificada no litoral norte do Estado, cujos sambaquis são também maioria naquela área e para os quais se têm datações de C-14 entre  $270 \pm 240$  a.C. (SI 224) e  $970 \pm 100$  a.C. (SI 226)<sup>9</sup>, bem como para o sambaqui de Ponta das Almas, no litoral de Florianópolis, onde se obtiveram datações  $270 \pm 250$  a.C. (SI 221) a  $2330 \pm 400$  a.C. (SI 222)<sup>10</sup>.

Assim sendo, tem-se uma época bastante prolongada da dominância da fauna de *Anomalocardia brasiliiana* como base da subsistência dos povos coletores do litoral catarinense.

#### 4.2. FASE GUAÍUBA

É uma fase cerâmica de tradição tupi-guarani, com característica da subtradição corrugada, indicando transição da subtradição pintada para a subtradição corrugada, onde se incluem todos os sítios cerâmicos prospectados.

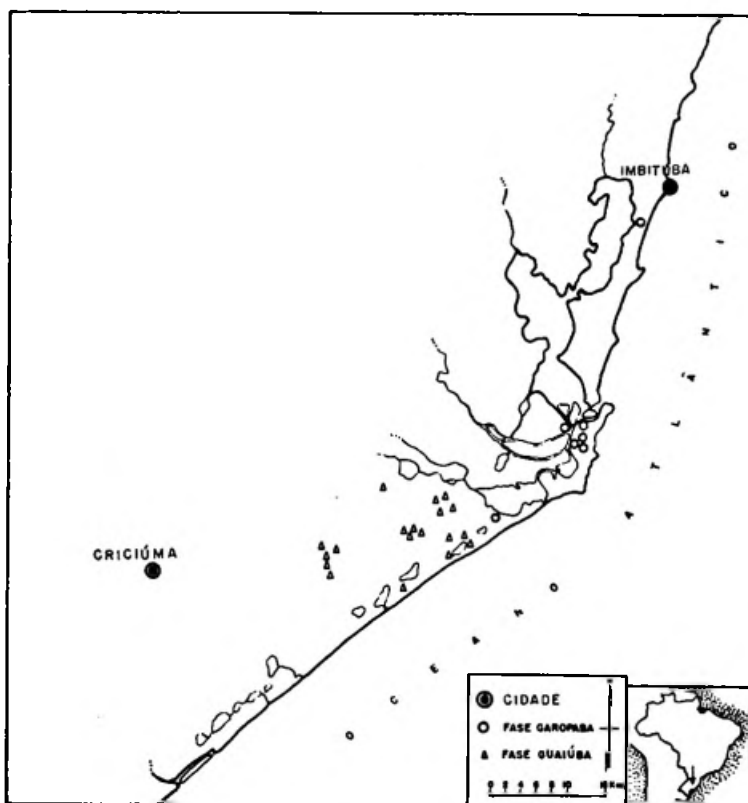
A localização destes sítios é à beira-mar, sobre restingas ou sobre dunas, tendo-se aqui o fenômeno da sua periódica cobertura pelas areias.

As suas áreas são variáveis entre 3.000 e 10.000 m<sup>2</sup>, o que poderá, de certa forma, identificar o grau de povoamento destes grupos pré-históricos.

Para análise dos sítios desta fase, tivemos 3.356 cacos, quer de coleções superficiais, quer de cortes estratigráficos. Dada a pequena quantidade de refugo e a pequena profundidade dos cortes, abandonou-se o resultado dos cacos obtidos nos buracos-teste, os quais foram incluídos nas coleções de superfície.

Caracterizamos estes sítios como sítios-habitações, e, em alguns, aparecem restos de urnas funerárias, podendo-se, assim, chamar a estes de sítios-cemitérios. Dadas as condições de fragmentação e distribuição esparsa dos cacos, não se pode afirmar se estavam as urnas agrupadas ou não. Pela morfologia de alguns cacos, evidenciou-se que alguns vasilhames possuíam tampas. Quanto à decoração, em algumas destas urnas encontram-se traços de pintura — vermelho sobre engobo branco — ou decoração gravada, notadamente corrugada.

Não se obteve, nesta fase, carvão para datação pelo método C-14.



#### 4.2.1. Cerâmica

Os cacos cerâmicos coletados nos sítios desta fase, ao serem analisados, em razão da pasta, em primeiro lugar, e, depois, em razão da sua decoração, levaram à fixação para aqueles manufaturados pela técnica de "roletes" ou de acordelamento, o que se evidencia claramente nos planos de fraturas dos cacos, cuja pasta se apresenta, predominantemente, de areia fina, com alguns poucos grãos de quartzo de 1 a 3mm, esporádicos grãos de hematita e outras impurezas, além de textura bastante compacta, com pouca porcentagem de bolhas de ar, a cor da pasta variando do amarelo ao preto, e demonstrando oxidação de regular a completa, bem acentuada esta última; foram denominados de *guaiúba simples*. Aos cacos que se apresentavam com a pasta predominantemente de areia grossa, com grande percentual de grãos de quartzo de até mais de 3 mm, além de outras impurezas, com a textura apresentando número apreciável de bolhas de ar, com a oxidação variando de incompleta a completa, deu-se a denominação de *itapirubá simples*<sup>11</sup>.

Os cacos decorados plasticamente, possuindo as mesmas características de pasta e tratamento, foram denominados: *guaiúba corrugado*, *ungulado*, *pintado*, *vermelho e raspado*, ou então, *itapirubá corrugado*, *pintado e corrugado-ungulado*.

Fazendo parte dos tipos "pintados", tanto guaiúba, quanto itapirubá, há subtipos com engobo branco e vermelho e/ou vermelho e preto sobre engobo branco, ou, ainda, branco sobre engobo vermelho.

É de maior predominância o tipo *guaiúba corrugado*, seguido pelo *guaiúba pintado*. Em determinados sítios, as maiores expressões estão relacionadas ora com um, ora com outro tipo, podendo-se, pois, aceitar, com fortes razões, como fase de transição entre as subtradições pintada e corrugada da tradição tupi-guarani.

Nesta fase, há ocorrência de vasilhames de destinação utilitária e funerária, como se constata pela reconstrução das formas. Os lábios destes vasilhames apresentam-se redondos, planos, apontados e biselados. As bordas apresentam-se diretas, expandidas, cambadas, extrovertidas, inclinadas externamente e reforçadas. As bases ou são planas ou côncavas. A espessura dos vasilhames varia, pela análise dos cacos, de 5 a 230 mm.

Face aos dados acima apontados, a reconstrução das formas de vasilhames apresenta-os com bojos esféricos, semi-esféricos, em meiacalota, ovóides ou carenados.

#### 4.2.2. *Artefatos líticos*

Associado a esta fase cerâmica, encontrou-se o seguinte material lítico: alisador de cerâmica; batedores de granito; raspadores de basalto, granito e quartzo; e raspador plano-convexo de basalto.

### 5. CONCLUSÕES

Da análise ecológica da região resulta que, sendo farta a drenagem fluvial ou flúvio-marinha e excelentes as condições de piscosidade da área, o número de sambaquis existentes só poderia ser grande — 55 cadastrados por Piazza em 1962/1964.

Forçosamente, em tais condições, a vida pré-histórica deve ter sido de grande movimentação, o que é atestado pelo elevado número de sítios cerâmicos em diminuta área geográfica (as condições financeiras não permitiram maior amplitude na pesquisa).

Sabe-se, hoje, pela análise dos documentos do século XVII, que essa vida pré-histórica foi restringida, pois, "pela consulta feita ao

Conselho Ultramarino (de Portugal) em 1658, verifica-se que na costa catarinense não havia mais índios<sup>12</sup>.

Com relação aos sambaquis, eles representam complexos culturais cujos indivíduos mantinham uma subsistência baseada principalmente na exploração de recursos marinhos. Isto é denotado pela presença constante e predominante de material conchífero e ósseo de várias espécies de moluscos e peixes. Outra característica dos sambaquis é a situação de insularidade que ocupam dentro daquele ambiente de planícies litorâneas entrecortadas de lagoas, restingas, estirões, dunas e banhados extensos. Em quase todas as ocasiões, os sambaquis afloram na superfície e se projetam de alguns metros a dezenas de metros de espessura. Formam como que ilhas correspondendo a áreas secas situadas em locais úmidos e passíveis de serem explorados em termos de recursos marinhos.

Já os sítios cerâmicos encontrados situam-se sobre dunas, sobre restingas ou sobre topos de colinas pouco afastadas das praias. Em alguns sítios, reconhece-se a presença de solos cultiváveis, enquanto em outros não se pode supor que a fixação do homem pré-histórico aí tenha sido motivada por práticas agrícolas.

A posição que ocupam estes sítios, no tempo, denota diferenças marcantes entre os sambaquis e os sítios cerâmicos, sendo os últimos bem mais recentes.

Os sambaquis exigem urgentemente maiores e mais freqüentes pesquisas, porquanto existem inúmeros problemas a serem resolvidos. Por exemplo, não se tem possibilidade de asseverar se os estratos naturais dos sambaquis correspondem à evolução local dentro de uma mesma tradição, se os sambaquis com características de malacofaunas diferentes são tradições distintas no tempo, se certo e determinado estrato de um sambaqui correspondendo a uma fase teria o seu correspondente em outro sambaqui e qual seria o estrato associado neste outro, etc. Os problemas são muitos, e raríssimos estudos e trabalhos de pesquisa abordam os mais urgentes. O que se tem feito são prospecções e buracos-teste mais freqüentemente, sem que se tenha até agora escavado um só sambaqui em Santa Catarina que pudesse revelar condições de serem resolvidos quaisquer problemas atinentes a toda uma problemática global que abrange estes sítios marcados pela presença de conchas de diversas espécies, mas com dominância de uma ou de outra, ocorrendo a variação de um para outro sambaqui.

WALTER F. PIAZZA

ALROINO B. EBLE

<sup>1</sup>Piazza, Walter F. *To aid archeological field research*. Santa Catarina, Br. (Grant nº 2793).

<sup>2</sup>Pimienta, Jean. *A faixa costeira meridional de Santa Catarina*. *Boletim do DNPM*. Rio de Janeiro (176): 3, 1958.

<sup>3</sup>Ibidem. p. 32.

<sup>4</sup>Galvão, Marília V. Regiões bioclimáticas do Brasil. *Revista brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 29 (1): 26-27, jan./mar. 1967.

<sup>5</sup>Piazza, Walter F. *Estudos de sambaquis*. p. 1-27.

<sup>6</sup>Ford, James A. *Método quantitativo para estabelecer cronologías culturales*. Washington, Unión Panamericana, 1962. 122 p.

<sup>7</sup>Chmyz, Igor, ed. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. 22 p.

<sup>8</sup>Piazza. *Estudos de sambaquis*. p. 1-27.

<sup>9</sup>Ibidem.

<sup>10</sup>Ibidem. p. 18.

<sup>11</sup>Eble, Alroino B. e Schmitz, Sérgio. Sítio cerâmico sobre dunas: sítio guaiúba (SC-LL-70). *Anais do Museu de Antropologia*. v. 5.

<sup>12</sup>Sanmartin, Olyntho. *Bandeirantes no sul do Brasil*. p. 1-106.

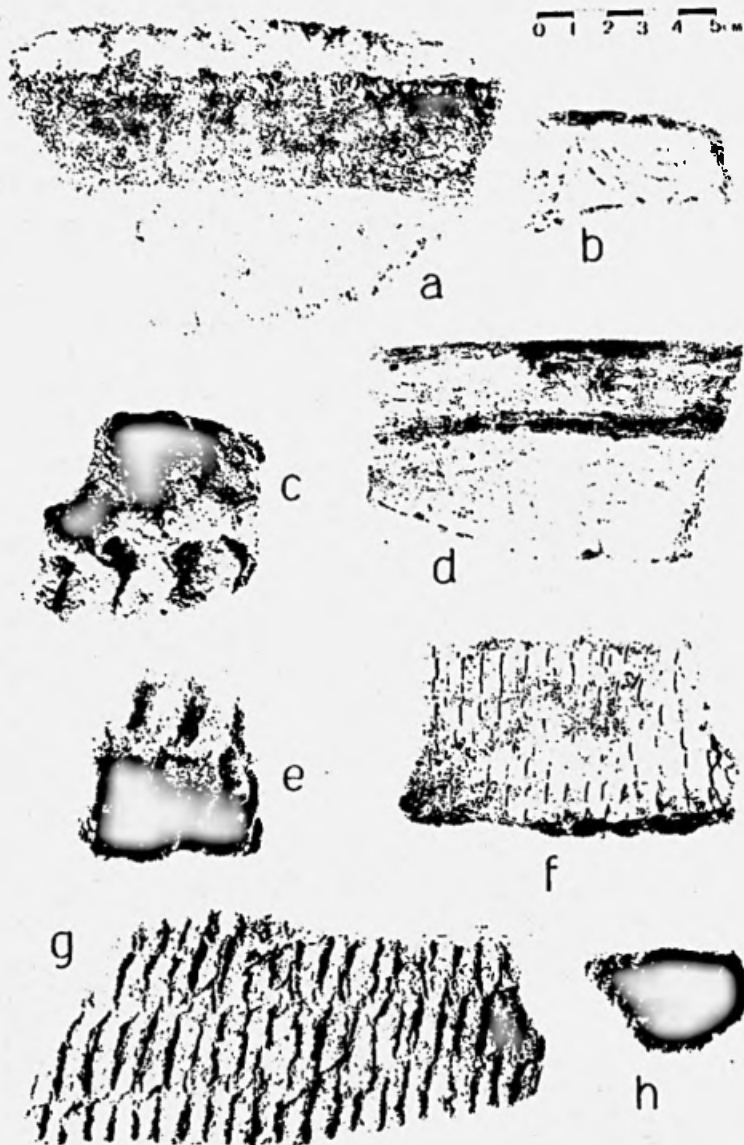
Obs.: O material cerâmico estudado nesta comunicação encontra-se depositado no Laboratório da Cadeira de Antropologia Geral da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Joinville, da qual é titular o Professor Walter Piazza.

## OBRAS CONSULTADAS

1. ABREU, Sílvio Fróes de. Sambaquis de Imbituba e Laguna. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Sociedade de Geografia, 31: 8-50, 1928.
2. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. *Boletim Geográfico do Conselho Nacional de Geografia*. Rio de Janeiro, Conselho Nacional de Geografia, 2 (20. 21): 1136-1143; 1298-1311, 1928.
3. CASTRO FARIA, Luiz de. Le problème des sambaquis du Brésil: récents excavations du gisement de Cabeçuda (Laguna — Santa Catarina). *Anais do 30<sup>o</sup> International Congress of Americanists*. Cambridge, 1955. Separata. p. 86-91.
4. \_\_\_\_\_. A formulação do problema dos sambaquis. *Anais do 31<sup>o</sup> Congresso Internacional de Americanistas*. São Paulo, 1955. p. 569-577.
5. \_\_\_\_\_. O problema da proteção aos sambaquis. *Arquivos do Museu Nacional*. s.l., 1959. v.69, p. 95-138.
6. CHMYZ, Igor, ed. *Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, 1966. pt.1, 22 p.; pt. 2, 8 p. (Manuais de Arqueologia, 1).



7. EBLE, Alroino B. e SCHMITZ, Sérgio. Sítio cerâmico sobre dunas: sítio guaiúba (SC-LL-70). *Anais do Museu de Antropologia*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1972. v. 5.
8. FORD, James A. *Método cuantitativo para establecer cronologías culturales*. Washington, Unión Panamericana, 1962. 122 p. (Manuales Técnicos, 3).
9. GALVÃO, Marília V. Regiões bioclimáticas do Brasil. *Revista brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro, 29 (1): 3-36, jan./mar. 1967.
10. HURT, Wesley R. The pre-ceramic occupations of central and southern Brazil. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE AMERICANISTAS, 37º, Argentina, 1968. p. 275-299.
11. PIAZZA, Walter F. *Nomenclatura dos sítios arqueológicos catarinenses*. Florianópolis, 1966. 6 p. mimeogr.
12. \_\_\_\_\_. *Estudos de sambaquis*. Florianópolis, Instituto de Antropologia, Universidade Federal de Santa Catarina, 1966. 72 p. (Série Arqueologia, 2).
13. PIAZZA, Walter F. Dados à arqueologia do Litoral Norte e Planalto de Canoinhas. *PRONAPA*. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi, 1969-70. (Publicações Avulsas).
14. PIMIENTA, Jean. A faixa costeira meridional de Santa Catarina. *Boletim do DNPM*. Rio de Janeiro (176): 104, 1958.
15. RODRIGUES DA COSTA, Francisco Isidoro. Estudos arqueológicos; os sambaquis no sul de Santa Catarina (1880). *Revista catari-nense*. Laguna, 1: 47-48, 73-74, 212-214, 1911-12.
16. ROHR, João A., pe. *Os sítios arqueológicos do município sul-catarinense de Jaguaruna*. São Leopoldo, Instituto Anchietano de Pesquisas, 1969. 39 p. (Pesquisas, 22).
17. SANMARTIN, Olyntho. *Bandeirantes no sul do Brasil*. Porto Alegre, A Nação, 1949. 232 p.



Fase Garopaba: a. Guaiúba corrugado; b. Guaiúba pintado — preto e vermelho sobre engobo branco; c. Guaiúba corrugado; d. Guaiúba pintado — vermelho sobre engobo branco; e. Guaiúba corrugado; f. Guaiúba ungulado; g. Guaiúba ungulado; h. Guaiúba ungulado.